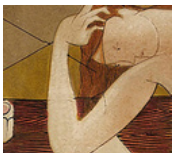

Nau Literária| crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

DOI: 10.22456/1981-4526.144533

Revoluções armadas: americanos e latinos em O Senhor Embaixador

Armed revolutions: americans and latinos in His Excellency The Ambassador

Dossiê: intérpretes do Brasil

Maria da Glória Bordini*

ORCID: 0009-0000-9478-6128

E-mail: mgbordini@gmail.com

Recebido: 09/12/2024
Aprovado: 21/05/2025

Resumo:

A partir de uma perspectiva histórica das revoluções armadas ocorridas no século XX, analisa-se o romance *O Senhor Embaixador,* de Erico Verissimo, apresentando-se as peripécias de duas nações, uma hegemônica, e outra subalterna, centradas na conquista territorial e simbólica, tanto em termos econômicos quanto políticos, tendo em mira os resultados delas advindos. Os interesses geopolíticos entre os Estados Unidos e a fictícia República do Sacramento são interpretados à luz das teorias das Relações Internacionais, presentes em Jackson e Sorensen (2007). Quer-se demonstrar que, metaforicamente, o romance se reporta ao Brasil dos anos 60-70, visando estudar as raízes e consequências dos movimentos revolucionários nacionais que então se gestavam em oposição ao regime instituído pelos militares.

Palavras-chave:

O Senhor Embaixador; revoluções armadas; ditaduras latinas; interesses geopolíticos norte-americanos.

Abstract:

From a historical perspective of the armed revolutions that occurred in the 20th century, the novel *His Excellency The Ambassador*, by Erico Verissimo, is here analyzed, presenting the adventures of two nations, one hegemonic and the other subordinate, focused on territorial and symbolic conquest, both in economic and political terms, with an eye on the derived results. The geopolitical interests between the United States and the fictional Republic of Sacramento are interpreted in light of the theories of International Relations, present in Jackson and Sorensen (2007). The aim is to demonstrate that, metaphorically, the novel refers to Brazil in the 1960s and 1970s, aiming to study the roots and consequences of the national revolutionary movements that were then developing in opposition to the regime instituted by the military.

Keywords:

His Excellency The Ambassador; armed revolutions; Latin dictatorships; North American geopolitical interests.

*Maria da Glória Bordini é Doutora em Letras pela PUCRS e docente aposentada convidada no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Atualmente é consultora do Acervo Literário de Erico Verissimo (IMS/RJ) e pesquisadora do CNPq. Suas especialidades são Teoria da Literatura, Lírica, Literaturas de Língua Portuguesa, Estudos Culturais e Pós-Coloniais.

Revoluções armadas estiveram na ordem do dia durante o século XX. Basta lembrar a Revolução Russa de 1917, a Revolução Egípcia de 1952, a Revolução Cubana de 1953, a Revolução Cultural Chinesa de 1966, e, no Brasil, a Intentona Comunista de 1935 e a Revolução Militar de 1964. Revoluções ocorrem principalmente por dois motivos: a busca de libertação de um regime opressivo e a ampliação de um espaço ideológico para além das próprias fronteiras nacionais. Na primeira hipótese, enquadram-se a Revolução Russa, por exemplo, ou as guerras de independência dos países luso-africanos. No segundo, as revoluções brasileiras de 35 e 64, instigadas respectivamente pela URSS e pelos Estados Unidos da América.

Entretanto, a questão dos intentos revolucionários apresenta facetas contraditórias, em que a motivação inicial pode-se transformar no seu contrário, indo da libertação de novo à opressão, como no caso de algumas repúblicas africanas, ou da própria URSS no governo de Stalin. Por outro lado, a dominação ideológica de uma sociedade pode gerar rebeliões outra vez visando mudanças de regime, como foi o caso da Revolução Cultural Chinesa para a instauração de uma espécie de capitalismo de Estado na China de Xiaoping ou a queda da monarquia de Faruk para estabelecer uma república nacionalista no Egito.

Um dos fatores mais cruciais numa revolução é a conquista das massas para os dois lados oponentes. Aqui, entram os processos de persuasão, muitas vezes pelas armas, outras tantas pela propaganda e silenciamento de vozes discordantes. Como afirma Paul Claval, "o mundo no qual vivem os homens é feito tanto de palavras e de proposições quanto de água, de ar, de pedra e de fogo. Presta-se ao discurso e abastece-se na passagem dos valores." (1999, p. 13).

Assim é que, se as revoluções não dependem apenas da força bélica, mas igualmente dos discursos, sua representação depende do sujeito, de sua agência e de sua circunstância. No caso da literatura, importa a língua, o momento histórico em se escreve e suas doutrinas estéticas e ideológicas, os aparatos de edição e circulação, a acolhida crítica e a permanência do interesse dos leitores. É através de todos esses fatores que o sujeito-autor conforma, em suas obras, o tema da revolução, como acontece com o romance de Erico Verissimo, O Senhor Embaixador, em que se narram as peripécias de duas nações, uma hegemônica, e outra subalterna, centradas na conquista territorial e simbólica, tanto em termos econômicos quanto políticos. Metaforicamente, a obra se reporta ao Brasil dos anos 60-70, para estudar as raízes e consequências dos movimentos revolucionários nacionais que então se gestavam em oposição ao regime instituído pelos militares.

Publicado pela Editora Globo de Porto Alegre em 1965, o livro foi escrito por Verissimo nos anos 1960, após uma estada mais prolongada do que nas duas ocasiões anteriores, nos Estados Unidos, quando à testa do Departamento Cultural da União Pan-

Americana, órgão de secretariado da Organização dos Estados Americanos. Nesse período, o escritor envolveu-se com as questões da diplomacia da OEA em relação à América Latina, participando de reuniões cimeiras, como em Lima e em Caracas. Visitou vários países para veicular as iniciativas culturais da Organização, e circulou em inúmeras universidades e entidades comunitárias norte-americanas para falar sobre o Brasil, sua cultura e literatura, e sobre o papel da OEA no concerto das nações americanas.

Para entender o alcance do trabalho de Verissimo, cabe lembrar os propósitos da fundação da OEA. No site da Organização dos Estados Americanos (www.oas.org) informa-se que o "Pacto de Bogotá" obrigava "as Altas Partes Contratantes a resolver as controvérsias entre Estados americanos por meios pacíficos", tais como "mediação, investigação e conciliação, bons ofícios, arbitragem e, finalmente, recurso à Corte Internacional de Justiça de Haia". A Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem (aceita meses antes da Declaração Universal das Nações Unidas) "sublinhava o compromisso da região com a proteção internacional dos direitos humanos e preparou o caminho para a Convenção Americana de Direitos Humanos".

Sabe-se que a instituição da OEA e de sua Secretaria Geral atendia aos interesses norte-americanos no pós-guerra. Fora criada para assegurar o livre comércio, os direitos de propriedade e o regime democrático, ameaçados nos novos países pós-coloniais do Terceiro Mundo pela explosão demográfica, pela pobreza, pelos governos autocráticos herdados da tradição colonial - e pela expansão da ideologia comunista a partir do poderio crescente da União Soviética (cf. Hobsbawm, 1995). Diz Hobsbawm que, "embora a maior parte do continente reconhecesse estar no que agora se chamava dependência 'neocolonial' de um único poder imperial dominante, os EUA foram suficientemente realistas para não mandar canhoneiras e fuzileiros aos Estados maiores – não hesitaram em usá-los contra os menores". E acrescenta: "e os governos latino-americanos do Rio Grande ao cabo Horn sabiam perfeitamente bem que o mais sensato era ficar do lado certo de Washington" (1995, p. 352).

A posição de Erico Verissimo, como intelectual e ficcionista, nesse meio de disputas e manobras políticas, não poderia ser mais delicada. Ciente de suas responsabilidades para com a Organização, mas encarando-as, como ele diz, *cum granu salis*, pouco cuidou de sua obra no período, terminando apenas a novela *Noite,* de 1954. Entretanto, os anos de vivência em Washington D.C., as viagens pelo país norte-americano e pelos países latinos emprestaram-lhe uma perspicácia quanto às relações internacionais, seus líderes e conluios, que viria desaguar na composição de um romance de caráter eminentemente político, como *O Senhor Embaixador.*

O romance é um fino exame do imperialismo norte-americano, construído detalhadamente com conhecimento de causa. Tanto personagens como territórios foram delineados a partir das experiências e viagens de Erico, como o comprovam suas memórias

em *Solo de Clarineta 2*, quando atribui ao desenho de um "homem de aspecto indiático, sob um chapéu gelo", executado sem premeditação, como gatilho para o surgimento da ideia da obra:

> [...] uma tarde, em 1954, no saguão do Hotel Tamanaco, em Caracas, durante a Conferência de Ministros do Exterior da Organização dos Estados Americanos. Estava eu sentado ao lado dum compatriota, a "olhar as caras" e a fazer comentários tipicamente brasileiros sobre os que passavam, quando vimos sair dum elevador um homem de estatura meã, robusto, a tez acobreada, os malares salientes, os olhos oblíquos, vestido como para um casamento ou um batizado: chapéu de diplomata, gravata cinzenta, jaquetão de mescla, calças listradas, sapatos de verniz...[...] Sacudi a cabeça, sorrindo, e não pensei mais no assunto. No entanto, agora, ali no meu porão, nove anos mais tarde, a cena e a figura do desconhecido me voltaram à mente. Por baixo do desenho escrevi: *O Senhor Embaixador.* (p.60)

Diz ele que, em quatro horas, esboçou o plano geral, depois criou a personagem central, o embaixador, e passou semanas estudando as regiões da América Central e Caribe, sua fauna, flora, história e geografia. Pensou em denominar sua república de Nova Granada, mas esta já existira na América espanhola. Acolheu o segundo nome que lhe acorreu, Sacramento, e desenhou num mapa da região a sua ilha, cidades, topografia e zonas climáticas. Compôs o romance com muitas interrupções em 1963, e com maior dedicação em 1964. Os originais chegaram a 900 páginas em espaço triplo, reduzidas a 600 páginas que se tornaram livro em julho de 1965 (cf. 1971, p. 61 e 63).

Erico estava em Porto Alegre, e, note-se, em meio ao agitado período da deposição de João Goulart e do golpe cívico-militar de 1964. Os acontecimentos se precipitavam, e a perspectiva de viver numa ditadura militar o leva a voltar aos Estados Unidos, para estar com a filha. A situação no Brasil era aterradora:

> Nos primeiros dias após o golpe, uma violenta repressão atingiu os setores politicamente mais mobilizados à esquerda no espectro político, como por exemplo o CGT, a União Nacional dos Estudantes (UNE), as Ligas Camponesas e grupos católicos como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Ação Popular (AP). Milhares de pessoas foram presas de modo irregular, e a ocorrência de casos de tortura foi comum, especialmente no Nordeste.
> In: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964. Acesso em 12/11/2018)

Diante do regime de exceção declarado, a postura de Verissimo foi de firmar posição através de sua arte. Como lembra Jacques Derrida, a atuação do intelectual no espaço público se caracteriza pela "vigilância quanto à indissociabilidade entre saber e ação, entre saber e fazer, entre um saber teórico e uma competência técnica" (cf. 2004). Erico não aderiu ao novo regime brasileiro, nem lhe deu sustentação. Preferiu resistir num plano muito mais amplo – o da crítica das relações transnacionais - com seu saber vivido no período dos anos 1950 e sua competência já consolidada de romancista, de corte realista.

Entendida como objeto cultural, a literatura se insere no âmbito dos discursos que modelam as sociedades ao reproduzi-las. A capacidade ficcional do objeto literário permite o afastamento da coisa em si, sua apreensão no que tem de essencial, e a assunção

de atitudes críticas quanto à adesão ou à rejeição de seus elementos culturais. Além de possibilitar o exercício da racionalidade, estabelecendo relações lógicas, não exclui a esfera emocional, tão influente quanto oculta no plano das ações. Por seus elementos que apontam tanto para o real quanto para a imaginação e os afetos, a obra literária, graças a seus procedimentos estéticos, chama o leitor a comprometer-se de alguma forma com o mundo narrado, levando-o a avaliar a sua própria situação histórica e pessoal. Erico tinha forte consciência do poder do romance de "multiplicar o eu", oferecendo diversas perspectivas sobre determinado assunto.

Nesse romance, o autor vai além de seu uso consagrado do contraponto narrativo e avança para técnicas típicas da arte moderna e pós-moderna: a simultaneidade, a montagem, a linguagem cinematográfica, a polifonia de vozes e gêneros, o uso de várias instâncias de narração, no intuito de (re)produzir o ambiente de torvelinho e de crises, de busca de redenção e de nulificação do humano, que pontuaram seu Brasil voltado para a repressão das liberdades, para a modernização capitalista, e que suscitou reações muitas vezes cruentas nos que as combateram. Não é sem motivo que seu país fictício, a República de Sacramento, remeta à Colônia do Sacramento, fundada por D. Manuel Lobo no atual Uruguai a mando da Coroa Portuguesa em 1680.

O Senhor Embaixador, de 1965, talvez seja o exemplo mais cabal de duas nacionalidades entretidas nos jogos do poder territorial e simbólico. A história se passa em dois espaços alternados na narração: na capital dos Estados Unidos da América, Washington D.C., especialmente no ambiente diplomático da Embaixada de um país caribenho, a República do Sacramento, e na capital desta, Cerro Hermoso, convulsionada por uma ditadura corrupta, que será derrubada por uma revolução comunista.

Nas duas capitais, em momentos diferentes, os amigos Bill Godkin, um jornalista veterano da Amalgamated Press, e Pablo Ortega, jovem pintor, filho rebelde da alta burguesia sacramentenha, despachado da ilha para evitar problemas políticos à família e nomeado primeiro secretário da Embaixada em Washington, analisam a situação do país governado por Juventino Carrera, general golpista apoiado pelos Estados Unidos.

A obra denuncia toda uma época da política externa norte-americana, a dos anos 1960, sob a égide de Dwight Eisenhower, que incentivou a instalação de ditaduras por toda a América Latina a fim de assegurar vantagens econômicas e afastar o perigo socialista que governos ineptos e corruptos atraíam, e que mobilizava o operariado, o campesinato, os estudantes e os intelectuais de esquerda. Enfatizam Damasceno e Benlançon: "Como temiam os setores progressistas brasileiros, o período Eisenhower foi marcado por cortes de gastos com auxílio econômico, posturas intervencionistas sob o pretexto do combate ao comunismo na América Latina e marcante unilateralidade no diálogo com a região" (2015).

O eixo narrativo gira em torno da personagem principal: Gabriel Heliodoro Alvarado, o Senhor Embaixador, homem de ação e paixões violentas, saído do povo e alçado ao cargo por sua atuação no golpe militar que destituíra o governo legitimamente eleito de Julio Moreno. Entre as manobras diplomáticas do sedutor e arguto Gabriel Heliodoro, com seu *staff* de asseclas, quase todos eles brutamontes semiletrados, e as vicissitudes de Sacramento, em que vai se gestando a reação a Carrera, transcorre a ação. Este culmina com a vitória da revolução libertadora, comandada pelo General Miguel Barrios e seu lugar-tenente Roberto Valencia, este um marxista treinado em Moscou, que levará o regime para a extrema esquerda. Voltando ao país para combater os sublevados, o Embaixador acaba derrotado e preso. A seu turno, levado por sua má consciência de burguês esclarecido, Pablo Ortega se alia aos revolucionários e se torna também ele um homem de ação, a quem caberá o papel de advogado de defesa de Gabriel Heliodoro, no julgamento público que o levará à morte.

As relações geopolíticas entre Estados Unidos e Sacramento são metonimizadas pelas duas capitais. Ao reconstruir literariamente a cidade norte-americana, Erico Verissimo contrasta sua aparência harmoniosa e serena – a trama inicia na primavera –, propícia a caminhadas e meditação e aos encontros amorosos dos jovens casais, com os lances obscuros da diplomacia norte-americana em relação à América Latina, e as respostas não menos oportunistas e eventualmente criminosas dos latinos em busca de apoio a seus governos corrompidos. Washington é vista como um lugar pacífico, de natureza amena, mas capaz de ocultar um atentado como o infligido ao Professor Leonardo Gris, ex-ministro de Julio Moreno e mentor de Pablo Ortega, gestado pelo Gen. Ugarte, ajudante de ordens de Alvarado, sem que este o saiba, mas por ordem de Carrera.

Do lado caribenho, o autor constrói a fictícia cidade oprimida, Cerro Hermoso, povoada de gente simples, vítima de uma burguesia alienada e espoliadora e de políticos cruéis e inescrupulosos, que é libertada por um movimento revolucionário apoiado por Cuba. O clima de liberdade e fartura obtido pela revolução, porém, é ameaçado pela violência social desreprimida pelos revolucionários e pela preocupação dos líderes em implantar um regime socialista à força, cujo futuro fica antecipado pelo encarniçamento sem compaixão de Roberto Valência contra o inimigo Gabriel Heliodoro no julgamento e na execução final que encerra a história.

Das duas cidades, uma, modelo real, é representada através de seus locais de trânsito e de encontro, e pelo contraste entre as decisões da alta cúpula do governo e o cotidiano banal e ávido de novidades, compras e fantasia, aparentemente um paraíso de civilização. A outra, inventada, com todos os elementos típicos das *banana republics*, é mostrada principalmente pela mudança de regime político e o choque de ideologias. Ambas expressam um momento crucial das relações internacionais dos anos 1960.

Diante das contradições decorrentes das superpotências que emergiram da Segunda Grande Guerra, Estados Unidos e União Soviética, afirmam Jackson e Sorensen (2007), que a doutrina realista se tornou "a forma dominante" da concepção das relações internacionais na época. O realismo reza que há "intensos conflitos de interesses entre os países", predominando os dos Estados mais fortes sobre os dos mais fracos, o que determinaria reações belicosas destes, a fim de também subirem na escala do poder. (p. 70-74). Do ponto de vista da teoria do realismo, a questão é a força, não o convívio pacífico.

Em plena Guerra Fria, em que os poderes constitucionais e a democracia foram usados e aviltados pela direita e pela esquerda, Erico expõe ironicamente as máscaras da hipocrisia que regeu os regimes hegemônicos de parte a parte e que se fixa também na fisionomia dúplice das cidades-sede de sua denúncia, que ele expressa com seu saber vivencial, tendo em vista sua condição de funcionário da Organização dos Estados Americanos, a qual o manteve em Washington e em viagens pela América Latina nos anos 1950.

Num mundo em que o público se sobrepõe ao privado, Erico escava as raízes dos processos revolucionários contra regimes de força, ciente que o primado do público, tão característico desses, se funda na "contraposição do interesse coletivo ao interesse individual" e produz consequências desastrosas ao invocar "a necessária subordinação, até a eventual supressão, do segundo pelo primeiro, bem como sobre a irredutibilidade do bem comum à soma dos bens individuais" (Bobbio, 1987, p. 24). Igualmente percebe que esse primado determina o "aumento da intervenção estatal na regulação coativa dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos infraestatais, ou seja, o caminho inverso da emancipação da sociedade civil em relação ao Estado" (id., p. 25).

1 Política externa dos Estados Unidos em Washington D.C.

O repórter Bill Godkin, ao sair de um almoço em que os colegas homenageiam seus 35 anos de serviços de especialista em assuntos latino-americanos, passeia por Washington, e ao avistar a Casa Branca, cogita que,

> Em alguma sala daquela mansão o Presidente Eisenhower àquela hora decerto estaria a refletir apreensivo sobre problemas do momento: o destino da revolução cubana e, coisa mais séria ainda, o drama de John Foster Dulles que, com um câncer de abdômen, encontrava-se num hospital com seus dias contados. (Verissimo, 1981, p. 6).[1]

A focalização da personagem penetra num espaço interior, procedimento característico de Verissimo. Como em outros romances, no recolhimento das habitações é que se revela a verdadeira vida da cidade e da nação. No caso, trata-se da conjuntura política, e o fato de Godkin achar mais importante o câncer de Foster Dullesdo que a

[1]Referências a esta edição serão, daqui em diante, indicadas através da abreviatura EMB.

revolução de Fidel está ligado à percepção da personagem, que acaba de perder a esposa para uma leucemia, e igualmente a sua especialização política, já que Dulles, Secretário de Estado de Eisenhower, encarregado de controlar a expansão do poderio de Moscou, não entende os latinos.

Ao divisar o edifício "mastodôntico e cor de osso velho" do Department of State, Godkin relembra a incapacidade de Foster Dulles de entender, calvinista que era, a América Latina. Indaga-se sobre o destino da revolução cubana e a possível encampação das empresas norte-americanas da Ilha, recordando um dito de Maquiavel de que seria aconselhável assassinar os súditos, mas não tocar em suas propriedades. Olhando para o Obelisco, que outro amigo, Orlando Gonzaga, chama de "compensação para seu complexo de castração" (EMB, p. 9), recorda a explicação do diplomata brasileiro: "Washington, a capital do tédio e da impotência, é um conglomerado de funcionários e diplomatas (alguns de sexo duvidoso) e de velhos aposentados. E depois, meu caro, este enclave apertado entre Maryland e Virginia não tem sequer o direito a voto." (EMB, p. 9). Por fim, chega a Tidal Basin, emocionando-se com a visão do cerejal florido, que, para ele, redime a impassibilidade marmórea da cidade.

Esse trajeto de Godkin, que toma todo o primeiro capítulo, oferece em traços rápidos a paisagem de Washington, com seus pontos turísticos mais procurados, seu trânsito agitado e frieza arquitetônica compensados pela natureza dos parques, outro equipamento urbano sempre visto nos romances de Verissimo como lugar de pacificação e repouso do turbilhão das metrópoles. Na percepção das personagens que a julgam, a capital norte-americana, cuja concepção arquitetônica se inspira no modelo da Paris neoclássica de Haussmann, num desejo de revivescência do império romano, apresenta a face arrogante, mas impotente, do novo império que ali se gesta, ameaçado pela Guerra Fria e o outro império, o da URSS. Livra-se apenas a presença da natureza, alívio para as tensões que a percorrem.

Um corte de cena leva o leitor ao despertar do novo Embaixador sacramentenho em seu quarto em estilo Império. O narrador onisciente descreve longamente a imaginária sede da Embaixada e de sua chancelaria em Washington, efetuando comparações com palácios italianos e estabelecendo um contraste paradoxal entre o refinamento renascentista da arquitetura transplantada e a rudeza do governo ditatorial de Sacramento.

A irônica descrição da Embaixada e de sua Chancelaria demonstra o desejo sacramentenho de evidenciar seu poder aos gringos. O nítido contraste entre o aspecto marmóreo da capital norte-americana, em sua higidez e brancura, e a mansão de estilo aristocrático dos sulistas, mas cujo interior é demasiado ostentatório, já indicia as diferenças entre os dois países, as pretensões de emulação do menos desenvolvido, e a superioridade de gosto do hegemônico, o que põe em ridículo as tentativas latinas de igualar-se (mas denuncia o projeto de poder da capital a comparar-se com o Império Romano).

Na sequência, Bill Godkin comparece enfastiado à recepção na Embaixada que D. Gabriel Heliodoro Alvarado oferece ao corpo diplomático de Washington. Reconstitui o fausto da cerimônia, o interior rebuscado do salão de festas e a diversidade da fauna humana, figurada no torvelinho de vozes estrangeiras e de sotaques latinos peculiares, que vem apresentar seus cumprimentos ao novo embaixador, antes um rude guerrilheiro.

Essa parte, intitulada "O Carrossel", é alimentada pelo pleno conhecimento de Verissimo das festas e reuniões do mundo diplomático de Washington, enquanto Diretor do Departamento Cultural da União Pan-Americana. Em carta de 1953, para Herberto Caro, ele confessa:

> Segunda tenho outro banquete. Homenagem ao ministro do exterior da Colômbia. Ontem fui à inauguração da exposição de pintura de artistas panamenhos. Não posso faltar a essas solenidades porque é o meu Departamento que as patrocina. [...] Mas havia muita comida, muita bebida, muita animação. Não toquei em nada. [...] Fiz ato de presença. Apertei a mão do embaixador do Panamá e outras mãos diplomáticas e depois sub-repticiamente (andava em busca duma oportunidade para usar esta palavra) me esgueirei para fora. Tomei um táxi e fui comer o bife com moganga e lasanha que a Mafalda me havia preparado. (Caro, 13nov1953)

Quando Gabriel Heliodoro comparece à reunião da Organização dos Estados Americanos, de cujo conselho faz parte, o que o encanta são as araras do Pátio Tropical, que lhe relembram seu país e sua infância a capturá-las para vendê-las. Na chancelaria, ao examinar os projetos de construção de uma estrada que atravessaria a Cordilheira dos Índios, o que faz é bocejar e aborrecer-se, mas sabe que precisa obter o empréstimo junto ao State Department e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento e concentra-se buscando entender a papelada.

Homem de ação, guerrilheiro ao lado de Carrera, sente-se mal no meio sinuoso da diplomacia, mas sua lealdade a Carrera é inconteste e a necessidade do empréstimo está ligada à questão vital da sucessão presidencial, ambicionada por um grupo de plutocratas, de um lado, e pela esquerda, de outro. Carrera pensa em novo golpe de estado e Alvarado lamenta estar preso àquela cidade que, distanciando-o do embate de forças de Sacramento, sem embargo é um lugar que lhe proporciona descanso, longe de sua mulher insossa, e os prazeres que encontra na fogosa amante Rosalía.

A crítica, porém, não se esgota nas reuniões oficiais, marcadas pela hipocrisia de parte a parte e no aborrecido trâmite burocrático das trocas de favores. Há um outro lado, o da liberdade de costumes, que é sugerido pelo ambiente propício aos enredos amorosos, protagonizados no texto principalmente por Pablo Ortega e Glenda Doremus. O moreno diplomata latino se enamora da loura estudante norte-americana, que prepara uma tese sobre Sacramento e vem entrevistá-lo. O relacionamento a que o jovem aspira, porém, está fadado ao fracasso. Glenda está marcada por sua procedência sulista. A pele morena de Ortega evoca na moça seu preconceito de cor, revelando o crime racial de que foi o motivo, o linchamento de um negro a quem acusou injustamente de estuprá-la.

Além disso, a moça é conservadora em política, não acredita que o governo de Sacramento seja ditatorial e que tenha suscitado a morte do presidente eleito, nem que os Estados Unidos tenham apoiado o golpe de Carrera por razões econômicas e estratégicas. A tese de Glenda é que o país não poderá emancipar-se e tornar-se uma verdadeira democracia em virtude da mestiçagem de seu povo. Pablo lhe faz ver seu *parti- pris* racista, conta-lhe a história real de seu país, que ela acusa de ser uma versão marxista, e, repugnada, afasta-se dele, pondo fim ao namoro.

Por essa cena, percebe-se que Erico busca introduzir, em seu exame das relações internacionais entre os americanos do norte e do sul, a questão do racismo, como propulsora da licença a que o país mais poderoso se arroga, com a justificativa do atraso cultural dos países sul-americanos, aí incluído o México, pela mestiçagem, para assumir uma posição de superioridade de "salvador" dos pobres latinos.

O lado libertário da nação norte-americana, contudo, reside no asilo concedido a Leonardo Gris, ministro do ex-presidente Júlio Moreno, após o golpe de Estado que devolveu ao poder Juventino Carrera. Gozando as prerrogativas da liberdade de pensamento e de expressão, Gris apresenta na American University sua palestra "Duras Verdades sobre a República do Sacramento". Após historiar a situação de seu país – uma pseudodemocracia dominada por uma oligarquia de 30 famílias proprietárias de terras, associadas à United Plantations Co. e à Caribbean Sugar Emporium – denuncia a falta de liberdade política ali vigente, a manipulação da imprensa, o apoio da Igreja aos poderosos, o enriquecimento dos líderes e a miserabilização do povo. Para convencer sua plateia, faz uma descrição vívida do lado obscuro da cidade mais conhecida de seu país, Puerto Esmeralda, cognominada a Jóia do Caribe por suas praias de areias brancas, verdes águas, suntuosos hotéis, cassinos e *night clubs* cujos shows rivalizam com os de Nova York e Paris:

> Andemos por suas principais ruas e avenidas, à luz dos letreiros luminosos que, pelo colorido e pela extravagância dos desenhos, lembram os de Las Vegas.Estão vendo aquelas prostitutas que ali vão? Não chegam sequer a ser mulheres: são meninas entre doze e quatorze anos que vagueiam pelas calçadas a caçar homens. De onde vêm essas pobres coitadas? [...] Foram selecionadas por proxenetas para serem exibidas e alugadas no grande mercado de carne humana que é Puerto Esmeralda, onde turistas nacionais e estrangeiros, portadores de lunas ou dólares e apetites depravados, periodicamente vêm entregar-se a feriados lúbricos. (EMB, p. 209).

Observe-se que Erico se vale de uma verossimilhança por analogia na figuração da cidade do prazer de Puerto Esmeralda. Como Gris deseja convencer a audiência norte-americana de que o país deve retirar seu apoio a Carrera, Erico o faz primeiro pintar um quadro conhecido e feérico do lugar, pela similaridade a Las Vegas, para depois atacar a questão social – cada vez mais vergonhosa e que afeta especialmente o Brasil -- do turismo sexual e da degradação da infância. O retrato de Puerto Esmeralda vai além da superfície glamourosa, ferindo fundo o verniz de civilização que recobre tanto a cidade sacramentenhauanto os americanos que o escutam, culpada por cumplicidade silenciosa

com o crime praticado contra o povo sacrificado do país imaginário. (Cumpre lembrar que Cuba também foi usada como "cidade do prazer" pelos norte-americanos nos anos anteriores à revolução cubana.)

Mais adiante em sua palestra, Gris aponta o palácio do governo federal, em construção na Praça de Armas, demonstrando o desvio das verbas públicas em nome da ostentação do poder:

> Sua construção foi iniciada há quatro anos e não será exagero afirmar que levará mais dez para ser terminada, pois isso convém à quadrilha que se locupleta com a obra. Sim, porque esse edifício, que, segundo afirma nossa imprensa, será o mais suntuoso palácio governamental das três Américas, está custando tão caro aos cofres da Nação como se seus tijolos fossem de ouro maciço e de ouro também a argamassa de seu cimento (EMB, p. 213).

Aqui a descrição usual de prédios, que ocorre em romances realistas, é executada apenas por apelo à imaginação do leitor, e também por similaridade a casos familiares em países corruptos e ditatoriais. A caracterização do Palácio do Governo se faz pelo locupletamento das autoridades que o constroem e pela necessidade de tornar a construção um símbolo grandioso do poder dos que nele residirão.

2 Ditadura e revolução em Sacramento

A evocação de Sacramento aparece no romance pela primeira vez na voz de Pablo Ortega, Primeiro-Secretário da Embaixada em Washington, diplomata a contragosto e homem das artes por vocação. Todavia, não é uma descrição física. O país surge aos olhos do leitor num momento em que Pablo evoca para a amiga Clare Ogilvy, colega de trabalho e secretária do Embaixador, o golpe militar em Cerro Hermoso, quando salvou da morte o amigo, seu antigo professor, então ministro do presidente deposto, Leonardo Gris, asilando-o na Embaixada do México em Sacramento. Com o viés do pintor, ele retrata a turbulência da cidade em estado de exceção:

> -- [...]Muitas das residências de membros do Governo deposto ardiam em chamas. Tive de dar as voltas mais doidas para evitar os cruzamentos guardados por patrulhas. A uma esquina, inesperadamente, me surgiram pela frente três homens armados de carabinas que me fizeram sinal para parar. "Se paro, estamos perdidos", pensei. Cerrei os dentes, baixei a cabeça e meti o pé no acelerador. Os bandoleiros abriram caminho gritando e gesticulando, e depois fizeram fogo contra nós... Uma bala me passou zunindo perto da orelha e rebentou o pára-brisa. Outras entraram na parte traseira da capota. (EMB, p. 45).

O assassinato político de Leonardo Gris e a tentativa de homicídio praticada por Pancho Vivanco contra Gabriel Heliodoro, o amante de sua mulher Rosalía, manipuladas pelo embaixador, tornam-se pretexto para anular as eleições em Sacramento, perpetuando no poder o ditador Carrera. A notícia do novo golpe em Cerro Hermoso enfatiza a função da universidade como baluarte da liberdade de pensamento, a ser silenciado pela força. Outras informações fornecidas a Bill Godkin pelo seu

correspondente em Sacramento retratam o recrudescimento da repressão governamental, sob ameaça de um levante popular de esquerda que desce das montanhas do país para tomar a capital.

> No dia seguinte, os jornais traziam cabeçalhos sensacionais sobre um novo *coup d'État* na República do Sacramento. O Generalíssimo Juventino Carrera dissolvera seu gabinete, fechara ambas as casas do Congresso e decretara o estado de sítio para todo o país. As prisões de elementos envolvidos na "conspiração esquerdista que visava derrubar o Governo pela força", foram feitas às centenas em todo o território nacional. Só na Universidade Federal, mais de duzentas pessoas, entre professores e alunos, haviam já sido detidas, incomunicáveis. (EMB, p.283 e 308).

Ao mostrar o clima pré-revolucionário em Cerro Hermoso, decorrente da desagregação do poder de Carrera em virtude de seus desmandos, Erico recorre à voz de Bill Godkin para completar a visão da crise, ao ler a carta do correspondente da Amalpress, recebida pela mala diplomática da Embaixada americana, para escapar à censura do regime. É o narrador que a reporta:

> Cerro Hermoso [...] parecia uma cidade sitiada. Seus habitantes eram obrigados a recolher-se a suas casas depois das oito da noite. As reuniões, tanto as públicas como as privadas, estavam rigorosamente proibidas. A Universidade fora fechada, e o mesmo acontecera com todos os cafés, clubes, teatros e cinemas da capital. [...] Murmurava-se sobre fuzilamentos sumários, torturas infligidas a prisioneiros políticos – negras histórias que nenhum jornal ousava divulgar. As classes conservadoras estavam em pânico, e corriam rumores de que alguns membros do Congresso dissolvido por Carrera já procuravam secretamente entendimentos com agentes de Miguel Barrios. (EMB, p. 308).

Nesse pequeno parágrafo, Erico resume as inúmeras situações de exceção que assolaram as Américas Central e do Sul no período, figurando o que seria também o desenvolvimento do golpe militar de 1964 no Brasil: toque de recolher, proibição de reuniões, fechamento da Universidade, prisão de suspeitos, fuzilamentos e torturas abafados pelo regime, debandada da burguesia, sempre atenta a seus interesses e pronta a aliar-se aos vencedores.

Entretanto, a revolução em Cerro Hermoso não estaca na queda de Carrera. As tropas da guerrilha de Miguel Barrios cruzam a Sierra de La Calavera, e chegam à Capital. O registro romanesco mais uma vez é efetuado por Bill Godkin, que anota em seu "diário de bordo" o progresso dos revolucionários, oferecendo um relato comovente da libertação de Cerro Hermoso. A participação do povo humilde, a reviravolta dos próceres da Igreja em favor dos vencedores, a austeridade do líder, que recusa a chave da cidade, compõem o quadro imaginado por Erico Verissimo para a vitória das forças populares sobre um regime ditatorial sanguinário.

Erico representa a libertação pelas festividades da acolhida popular a Barrios. A paisagem sugere um lugar onde viceja a democracia. As ruas, antes desertas e obstaculizadas pela polícia e as armas, agora são atapetadas e acolhem a multidão. Os tiros são substituídos por foguetes e o silêncio do povo pelas aclamações e discursos. Assim também a corrida de Pablo pela cidade sitiada é emulada pela recepção de Barrios

pelo Arcebispo. A exasperação da ação, anterior, é trocada por um ritual cerimonioso. Numa gradação lenta e progressiva, o aristocrático prócer da Igreja se eleva para fazer valer sua autoridade, mas seu gesto é frustrado pela atitude severa de Barrios e logo suas boas-vindas oficiais são ignoradas, em favor de um pronunciamento que paralisa suas intenções. A ironia da cena embute a censura de Verissimo àquela Igreja oficial que sustentou tantas mazelas sociais para manter seu poder temporal (não só em Sacramento).

O início do novo governo socialista é mostrado na vida da cidade conquistada. Os revolucionários asseguram o apoio popular com os recursos-padrão de exércitos de libertação: disciplina das tropas, um líder popular, festas comemorativas, comícios, restabelecimento do abastecimento de víveres. Refere o narrador Godkin as providências, mas com uma leve nota de desacordo:

> Mais uma vez a fórmula "pão e circo" provou sua eficiência. O Governo organizou bailes públicos ao ar livre, fogos de artifício, passeatas com bandeiras e bandas de música, além de comícios em que dezenas de oradores, em sua maioria improvisados, entregavam-se a verdadeiros delírios verbais, encontrando eco entre o público, que explodia em gritos e vivas. [...] Desde o 'primeiro dia da vitória, Roberto Valencia organizou de tal modo o serviço de abastecimento, que nada faltou a Cerro Hermoso [...] Requisitou, no comércio local, algumas toneladas de carne e verdura, encampou sumariamente alguns mercados e promoveu a distribuição grátis de gêneros alimentícios entre as camadas mais pobres da população. (EMB, p. 352).

O povo tem restituídos o espaço e os benefícios que sempre lhe haviam sido negados. Todavia, na perspectiva do narrador onisciente, que desde o início do romance não é neutro e demonstra as mesmas hesitações de Pablo Ortega quanto à legitimidade dos regimes, há uma aura de dúvida em relação ao futuro de Sacramento. Ele dá a entender – com a expressão "pão e circo" – que um novo regime autoritário está em gestação, uma vez que esse era o recurso dos imperadores romanos para conter a populaça. A liberdade alcançada tem estrategistas por detrás, o povo não se organiza espontaneamente, e passada a euforia, virá à tona a violência contida.

É o que a cena do julgamento de Gabriel Heliodoro confirma. Um local pequeno, quente, uma plateia lotada de gente predisposta à condenação do réu, com um promotor impiedoso e um defensor de antemão desautorizado, ao que se seguirá o espetáculo público do fuzilamento do ex-Embaixador, que morre desafiando seus algozes. Qualquer semelhança com os fuzilamentos ocorridos em Cuba não será mera coincidência.

Bill Godkin relata, em reportagem para a Amalgamated Press, os sucessos do julgamento em Cerro Hermoso de Gabriel Heliodoro Alvarado, capturado ao combater, junto ao fugitivo Carrera, as forças revolucionárias. Preocupado com as execuções sumárias e os rumos totalitários da revolução recém vitoriosa, para a qual os inimigos não merecem respeito humano, Pablo Ortega se oferece para defender o embaixador, a quem sempre olhara com um misto de fascinação e repugnância, enfrentando a

possibilidade de seu gesto ser mal interpretado e custar-lhe também a vida.O argumento de que Alvarado não pode ser julgado como símbolo de uma época e sim apenas por suas responsabilidades pessoais é invalidado pela fúria da multidão e o último trunfo de Ortega, o de que o julgamento é uma farsa porque Barrios já informara previamente a imprensa internacional de que as execuções se encerrariam com a de Gabriel Heliodoro, é derrotado pela contra-acusação de que Ortega é um idealista bon vivant, carente do verdadeiro espírito revolucionário.

> Mais uma vez a fórmula "pão e circo" provou sua eficiência. O Governo organizou bailes públicos ao ar livre, fogos de artifício, passeatas com bandeiras e bandas de música, além de comícios em que dezenas de oradores, em sua maioria improvisados, entregavam-se a verdadeiros delírios verbais, encontrando eco entre o público, que explodia em gritos e vivas. [...] Desde o 'primeiro dia da vitória, Roberto Valencia organizou de tal modo o serviço de abastecimento, que nada faltou a Cerro Hermoso [...] Requisitou, no comércio local, algumas toneladas de carne e verdura, encampou sumariamente alguns mercados e promoveu a distribuição grátis de gêneros alimentícios entre as camadas mais pobres da população. (EMB, p. 352).

3 Estados Unidos x América Latina

A indagação que permanece, quando se contrastam os dois territórios (re)inventados por Erico Verissimo em *O Senhor Embaixador,* é similar à que aflige Pablo, o protagonista da história: qual o destino dos regimes sociopolíticos das sociedades subalternas e qual o papel da "cidade letrada" (cf. Rama,1985) diante de situações políticas insustentáveis e injustas? Pablo se sente mal na capital norte-americana porque se esconde ali da necessidade de tomar uma atitude quanto ao que acontece em seu país.

Quando o jovem pintor opta por uma postura ativista, passando das ideias à ação e aliando-se aos revolucionários nas serras sacramentenhas, descobre que não pode eximir-se de matar, o que repugna seu temperamento e convicções pacifistas. Seu espírito civilizado não o poupa de perceber inconsistências na ideologia dos libertadores, o que o torna um crítico pouco útil à causa. Ao dispor-se a defender Alvarado ante a sanha de Valencia, sabe que não conseguirá alterar o resultado do julgamento e que estará assinando sua própria condenação aos olhos do implacável ideólogo do movimento.

A dualidade que rege o comportamento de Pablo Ortega se reflete na composição das duas cidades-metonímia de seus países. Washington, sede de governo de um regime cuja história se caracterizou pela defesa dos princípios democráticos, pelo igualitarismo legado dos franceses, vê com tolerância a ação deletéria dos empreendimentos capitalistas sobre as nações latino-americanas e assegura apoio, inclusive logístico e por vezes militar, a estilos de governo inteiramente opostos a seus proclamados ideais, a fim de não perder seu poder sobre eles. Sua aparência neoclássica monumental, a inspirar serenidade, austeridade e vibração patriótica, esconde, no interior das instituições oficiais e legações estrangeiras que abriga, manobras destinadas a garantir o poderio dos Estados Unidos e os investimentos norte-americanos, sem consideração pela miséria e pela dor que possam originar.

Cerro Hermoso, capital imaginária de um país também fictício, simboliza, enquanto centro político afetado por golpes e contragolpes, os embates de todas as nações-satélite dos norte-americanos, nos anos 1950 e 60, que orbitavam em torno do capital ianque, não para obter benefícios para seu povo, mas para perpetuar privilégios de casta. Seu perfil contrasta com o de Washington, pela ausência do sentimento patriótico que anima e justifica as construções marmóreas da capital americana. Sua arquitetura, exemplificada pela Embaixada e a Chancelaria (já que legações são território nacional de cada país), é rebuscada demais, o que também se reflete sobre o Palácio do Governo em construção: concretizam o espírito colonizado subalterno, a tentar "arremedar" o colonizador, como sugere Homi Bhabha (v.2002).

A caracterização das duas urbes é política. Washington é a cidade da *pax romana* dos norte-americanos, Cerro Hermoso é a cidade deflagrada dos plutocratas contra o povo e do povo contra os poderes (mal) constituídos, tão frequente nos países latinos. Sitiada e libertada, dividida entre direita e esquerda, ela sem embargo carrega em si a ambivalência do que há na superfície e do que se gera na profundidade: qual a medida da liberdade e do bom governo.

Se, como ensinam Jackson e Sorensen, "os Estados e o sistema estatal são organizações sociais baseadas em territórios, cuja principal responsabilidade é estabelecer, manter e defender valores e condições sociais básicas, como a segurança, a liberdade, a ordem, a justiça e o bem-estar" (2007, p.3), sem dúvida as interações entre Estados Unidos e Sacramento pecam por violar esse conceito, de vez que um finge ser uma democracia generosa e protetora, e o outro, seja em regime ditatorial ou revolucionário, não consegue garantir paz, igualdade ou justiça a sua população.

Ambas servem de alegoria para as relações de poder entre império e colônias, ainda em trânsito nos dias que correm. Traduzem, na concepção literária que as organiza no romance, os processos de profanação das democracias operados pelo regime capitalista internacional, já que nada pode ser confiável nas condutas que ali se desenvolvem e ali tudo se degrada. Erico Verissimo, depois de haver vivenciado a situação complexa das repúblicas sul-americanas em relação a seu poderoso vizinho do norte, não nutria ilusões sobre o destino das "ajudas" pautadas por avassaladores interesses econômicos e ideológicos, que ele via se desdobrarem na realidade brasileira dos anos 1960.

Espelho evidente da revolução cubana, Sacramento serve ao escritor de modelo para uma advertência ao Brasil: nenhuma ditadura, de direita ou de esquerda, substitui a democracia. Nela, a disputa ideológica se ampara no discurso, não nas armas. Há uma violência surda e temível nas revoluções: cala-se não só a palavra do opositor, mas o próprio corpo que fala. *O Senhor Embaixador* é o sinal de alerta para a América Latina e para seu próprio país. Não só então, mas vivamente hoje.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

BOBBIO, Norberto*. Estado, governo, sociedade*: para uma teoria geral da política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: Ed. da UDSC, 1999.

DAMASCENO, Natália Abreu; BELANÇON, Leonardo Pires da Silva. As relações Brasil-EUA na transição presidencial Truman-Eisenhower: imagens do jornal Última Hora (1952- 1953).*Tempos Históricos*,v.19, p. 268-291, 2º Semestre de 2015.In: http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/viewFile/12854/9397. Acesso em 28/11/2018.

DERRIDA, Jacques. Si jê peux faire plus qu'une phrase. *Les Inrockptibles*, mar. 2004. *Idées*. (online)

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos*: o breve século XX – 1914-1991. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACKSON, Robert; SORENSEN, Georg. *Introdução às Relações Internacionais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. Porto Alegre: Globo, 1981. (Col. Obra Completa de Erico Verissimo, v. 21). (EMB)

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. Porto Alegre: Globo, 1981. v.2. (Col. Obra Completa de Erico Verissimo, v. 21). (SOL)